

ATRAVÉS DOS PORTAIS DO ESPLENDOR

A história que chocou o mundo,
mudou um povo e inspirou uma nação



ELISABETH ELLIOT


VIDA NOVA

Sumário



<i>Agradecimentos</i>	9
Mapa: Território da “Operação Auca”	11
1 “Não ousou ficar em casa”	13
2 Destino: Shandia	27
3 “Tudo para com todos”	35
<i>Fotos</i>	37
4 Adaptabilidade infinita.....	55
5 “Sacrificável a Deus”	65
6 Missão entre os Jivaro, os encolhedores de cabeça.....	85
7 Destruindo as barreiras da floresta	95
8 Os Auca	113
9 Setembro de 1955.....	125
<i>Fotos</i>	127
10 Início da Operação Auca	149
11 Uma corda do céu à terra.....	157
12 A resposta dos indígenas	169
13 Em busca de “Palm Beach”	183
14 Um Auca no caminho.....	195
15 Por que os homens foram?	201
16 “Não vamos sozinhos”	207
17 Vitória na sexta-feira.....	221
18 Silêncio	229
<i>Fotos</i>	237, 278

19 “Todavia, não nos esqueçemos de ti”	287
Epílogo I (novembro de 1958)	295
<i>Fotos</i>	298
Epílogo II (janeiro de 1996)	303
<i>Glossário</i>	313

Agradecimentos



Muitas pessoas, das florestas do Equador aos arranha-céus de Nova York, ajudaram na composição desta história. As outras quatro viúvas — Barbara Youderian, Marj Saint, Marilou McCully e Olive Fleming —, mesmo quando repentinamente viram-se diante de uma dupla responsabilidade, gastaram tempo reunindo os diários, as cartas e outros escritos de seus maridos e prontamente compartilharam tudo.

Abe C. Van Der Puy, da rádio missionária HCJB em Quito, Equador, passou vários meses reunindo material para o artigo da revista *The Reader's Digest*, preparado por Clarence W. Hall e publicado na edição de agosto de 1956. Utilizei esse material de maneira exaustiva na versão ampliada da história.

Cornel Capa, da agência fotográfica Magnum Photo, voou para o Equador, a pedido da revista *Life*, poucas horas depois que a notícia do martírio dos missionários foi transmitida para a imprensa americana. Com suas fotos perceptivas e sensíveis, ele conta uma história que as palavras não dariam conta de expressar. Não há dinheiro que pague sua direção habilidosa com a câmara. A *Life* generosamente disponibilizou as fotografias tiradas por Cornel Capa.

Jozefa Stuart, do grupo de pesquisa da Magnum, fez uma viagem especial ao Equador, a pedido dos editores, para coletar material adicional de que eu precisava para este livro.

Muitas informações sobre os Auca vieram de Rachel Saint, irmã do piloto missionário, que as recebeu de um índio que fugiu da tribo. Sam, irmão de Nate Saint, teve participação especial como consultor e representante oficial das cinco viúvas. Algumas decisões estavam acima de nossa capacidade, e Sam, em consulta conosco por meio de telefonemas internacionais, reunião pessoal e cartas, tomou-as por nós. É impossível contar as horas e os quilômetros que ele dedicou em prol do projeto.

Os editores da Harper & Brothers empenharam-se de corpo e alma para que este livro fosse o que deveria ser. Suas orientações e encorajamentos são inestimáveis.

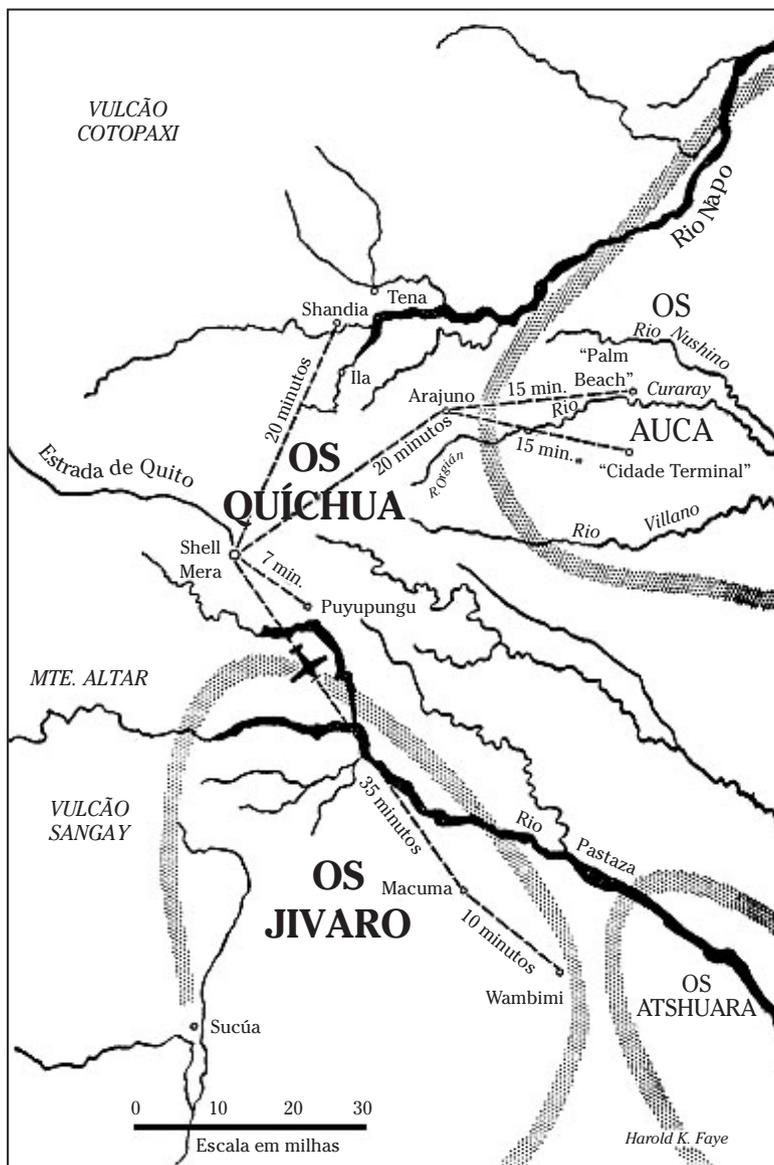
Sou profundamente grata a todas essas pessoas.

Juntamente com Barbara, Marj, Marilou e Olive, agradeço a Deus por consentir que participássemos de modo tão íntimo das vidas registradas nestas páginas. E ao Senhor que os fez como eram, repetimos as palavras que nossos maridos cantaram poucos dias antes de serem mortos:

*Confiamos em Ti, nosso Escudo e Defensor,
Tua é a batalha, Tu serás glorificado
Ao atravessarmos, vitoriosos, os portais do esplendor,
descansaremos contigo por toda a eternidade.*

Elisabeth Elliot
Quito, Equador
Fevereiro de 1957





CAPÍTULO 1

“Não ousou ficar em casa”



“**O** *Santa Juana* está a caminho. Estrelas cintilam através da neblina cerrada. Meia lua. Algas luminosas seguem no rastro do navio. O balanço suave das ondas e o impulso constante do vento.”

Estava abafado na pequena cabine do cargueiro. Jim Elliot, que viria a ser meu marido, escrevia na caderneta com capa de pano que usava como diário. Era uma noite de fevereiro de 1952. Pete Fleming, colega missionário de Jim, estava em outra escrivaninha. Jim continuou:

“Toda a expectativa dos sonhos da infância tomou conta de mim há instantes ali fora, enquanto observava o céu morrer na vastidão do mar. Quando estava na escola primária, meu sonho era velejar, e lembro-me muito bem de ter memorizado os nomes das velas registrados no enorme dicionário Merriam-Webster da biblioteca. Hoje, estou de verdade no mar — como passageiro, claro, porém no mar — rumo ao Equador. Estranho — será? — que os desejos da infância sejam respondidos conforme a vontade de Deus *agora*?

“Partimos do Outer Harbor Dock, em San Pedro, Califórnia, hoje às 14h06. Lado a lado, meus pais ficaram observando do píer. Enquanto nos afastávamos, o salmo 60.12 me veio à mente, e gritei para eles: ‘Faremos proezas com Deus’. Meus pais choraram. Não entendo como Deus me criou. Alegria, pura

alegria e gratidão preenchem e envolvem meu ser. Tenho de me segurar para não gritar para Pete: ‘Irmão, isto é sensacional!’ ou ‘A vida nunca foi tão boa’. Deus fez e está fazendo tudo o que sempre desejei, e muito mais do que pedi. Exaltado, exaltado seja o Deus do Céu e o seu Filho Jesus. Porque ele afirmou: ‘Nunca te deixarei, jamais te abandonarei’, posso afirmar com ousadia: ‘Não temerei...’”.

Jim Elliot descansou a caneta sobre a mesa. Ele era um jovem de 25 anos, alto, ombros largos, cabelo castanho espesso e olhos azuis-acinzentados. Viajava para o Equador — a resposta de anos de oração pedindo que Deus o orientasse na tarefa à qual consagraria a vida. Alguns acharam estranho que um jovem com tantas oportunidades de ser bem-sucedido tenha optado em gastar a vida nas florestas, entre povos primitivos. A resposta de Jim, encontrada em seu diário, havia sido dada um ano antes:

“Minha ida para o Equador é desígnio de Deus, assim como deixar a Betty para trás, e recusar-me a ouvir conselhos de pessoas que insistem em que eu fique e incentive os cristãos nos Estados Unidos. E como sei que é desígnio de Deus? ‘Bendigo o SENHOR que me aconselha, pois até durante a noite meu coração me ensina.’ Ah, que maravilha! Pois sei que meu coração me fala por meio de Deus! [...] Não há visões nem vozes, mas o conselho de um coração que deseja o Senhor”.

Pete percebeu o estado de ânimo de Jim naquela hora. Pete era mais baixo do que Jim; tinha testa larga e cabelos escuros ondulados. Os dois se entendiam e prezavam um ao outro há muito tempo, e irem juntos para o Equador foi, para eles, um dos “bônus” que Deus lhes acrescentou. Pete, também, enfrentou questionamentos e perguntas discretas ao comunicar que iria para o Equador. Com Mestrado em Literatura, a expectativa era que Pete lecionasse em faculdade ou seminário

teológico. Mas desperdiçar a vida entre selvagens ignorantes... — isso parecia um absurdo.

Somente um ou dois anos antes, os problemas do Equador, no bojo da América do Sul, pareciam distantes. Os dois rapazes tinham conversado com vários missionários que haviam estado lá, e estes descreveram as enormes dificuldades de transporte, educação e desenvolvimento de recursos. A obra missionária havia colaborado muito para ajudar o país a diminuir a distância cultural milenar entre as selvas ancestrais e as cidades modernas. Mas o progresso era lento de dar dó. Há 25 anos os evangélicos trabalhavam entre os Jivaro encolhedores de cabeça, os Quíchua no alto dos Andes e os Colorado pintados de vermelho na floresta ocidental. Os Cayapa da região ribeirinha do nordeste também haviam sido alcançados pelo evangelho, e o plano era chegar, em breve, à tribo Cofan, na fronteira com a Colômbia.

No entanto, um grupo de tribos continuava a repelir qualquer avanço do homem branco: os Auca. Eles são remanescentes isolados, inconquistados e seminômades de indígenas da velha floresta. Através do tempo, informações sobre os Auca escapam da selva: por meio de aventureiros, de donos de fazendas, de Aucas capturados, de missionários que conversaram com Aucas capturados ou Aucas que tiveram de fugir das matanças dentro da tribo. Jim e Pete anotavam com muito zelo qualquer informação que recebiam sobre esses indígenas, e os dois ficavam empolgados só de ouvir o nome do grupo. Será que um dia teriam o privilégio de participar da conquista dos Auca para Cristo?

Os dois rapazes sabiam que o primeiro missionário a pisar em território Auca — Pedro Suarez, padre jesuíta — tinha sido atravessado por lanças e morto em um posto missionário isolado perto da confluência dos rios Napo e Curaray. Isto foi em

1667. Era possível que seus assassinos fossem ancestrais dos Auca da atualidade.

Durante cerca de dois séculos após esse evento, os indígenas foram deixados em paz pelos brancos. Depois, a chegada dos exploradores de borracha escreveu uma página negra na história dessa região da selva. Por volta de cinquenta anos — entre 1875 a 1925, mais ou menos — esses homens vagaram pelas florestas, saqueando e queimando as casas dos índios, estuprando, torturando e escravizando o povo.

Foi um tempo em que o conceito de “raças inferiores vivem sem lei” era aceito praticamente no mundo inteiro. Portanto o ódio dos Auca pelo homem branco era compreensível. Será que o amor cristão conseguiria apagar as lembranças de traições e brutalidades do passado? Esse era o desafio de Jim e Pete em meio à esperança de levar a mensagem do amor e salvação de Deus a esses indígenas. Era um desafio e uma diretriz para os quais eles haviam sido preparados desde a infância.

Deus havia guiado Jim — desde a infância, quando, em Portland, Oregon, ele aprendeu, em casa, que a Bíblia é o Livro dos livros e que obedecer aos seus ensinamentos não significa necessariamente uma vida de clausura e tédio.

Agora, sentado na cabine do navio, ele se lembrava da casa da família num declive voltado para a Montanha Hood, coberta de neve. O pai de Jim, um escocês ruivo, de mandíbulas de aço, reunia os cinco filhos todas as manhãs depois do café e lia a Bíblia, procurando sempre lhes mostrar que o Livro era para ser vivido e que a vida nele retratada era feliz e recompensadora. As crianças se remexiam em suas cadeiras junto à mesa do café, mas algumas verdades criaram raízes, e Jim, o terceiro filho dos Elliot, aceitou a Cristo como Salvador e Senhor logo cedo.

Ao iniciar o colegial, Jim, seguindo exemplo do apóstolo Paulo, não se envergonhava do evangelho de Cristo. Sempre

*Uma comovente história de aventura, coragem, amor
pelo evangelho e morte...*

*para a glória de Deus, salvação de um povo e
encorajamento da igreja.*

Em fevereiro de 1952, cinco missionários enfrentam o desafio de levar o evangelho às tribos indígenas nas florestas do leste do Equador. Seu alvo principal era os Auca, a tribo mais resistente ao contato com os missionários, devido à história de violência e opressão por parte do invasor branco. Seria possível levar uma mensagem de perdão e reconciliação a tal povo? Os missionários acabam sendo assassinados pelos indígenas, gerando questionamentos que ainda hoje são debatidos.

A narrativa, escrita por Elisabeth Elliot, esposa de um dos missionários assassinados, é um registro histórico completo dos acontecimentos, baseado em anotações detalhadas dos diários de seus protagonistas e repleto de fotos. Tornou-se um clássico sobre missões “até os confins da terra”. No entanto, um olhar mais profundo mostra sua relevância para qualquer servo que leve a sério a obediência incondicional ao chamado de Deus, em qualquer contexto que estiver.

Nesses tempos em que o objetivo maior das pessoas parece muitas vezes limitar-se a um cristianismo confortável, essa história nos faz pensar no próprio sentido da vida e da morte, da fé genuína e da entrega irrestrita aos propósitos de Deus.